



PONTO VÍRGULA



Aponta a tua
câmara!



Conceito da obra
em código QR.

Um testamento às
gerações vindouras

pág. 7

Lisandra Nunes
Escola da APEL (Funchal)

Oportunidades, riscos e desafios na vida de um *youtuber* e *digital influencer*

No dia 5 de março, pelas dez horas da manhã, realizou-se a conferência «Oportunidades, riscos e desafios na vida de um *youtuber* e *digital influencer*», no auditório da Escola da APEL, organizada pela Associação dos Antigos Alunos da Escola da APEL (AAAEEA).

Os cinco convidados madeirenses — com uma forte influência na Internet e nas redes sociais, nomeadamente as *influencers* Cláudia Moniz e Cláudia Tavares, os *youtubers* André Moniz Vieira e Liam Campos, bem como a *blogger* Sofia Laura Castro, sob mediação do jornalista Ricardo Oliveira, diretor do

Diário de Notícias — partilharam com os alunos as suas experiências e opiniões sobre as oportunidades, os riscos e os desafios que as pessoas que trabalham neste ramo passam nas suas vidas enquanto *influencers* e *youtubers*. Foi utilizado, nesta conferência, um cenário dinâmico que transmitia uma imagem de descontração entre os alunos e os oradores, tornando assim mais fácil a comunicação sobre o assunto em questão.

Juliana Marques
Escola da APEL (Funchal)



Segurança, Defesa e Paz

Na semana de 17 a 21 de fevereiro de 2020, a Escola Básica e Secundária Padre Manuel Álvares organizou a Semana de Segurança, da Defesa e da Paz, em colaboração com a Câmara Municipal da Ribeira Brava.

Ao longo destes dias decorreram várias atividades e ações de sensibilização direcionadas para a comunidade. Aqui ficam fotos que ilustram alguns desses momentos.



Atuação da Equipa Cinotécnica da GNR



Demonstração das manobras de Suporte Básico de Vida



Exposição de motas

Nelson Gonçalves
EBS Padre Manuel Álvares (Ribeira Brava)

Editor por um dia...

Para a edição deste mês, quero deixar no ar a palavra 'fragmentos'. A primeira definição que nos aparece ao procurar esta palavra no dicionário é «porção de algo que se partiu», no entanto, os fragmentos de que vou falar neste excerto são partes, partes que se uniram e formaram um todo.

Nós somos constituídos por um conjunto de fragmentos, sejam estes de momentos, de experiências, de sonhos, de sentimentos ou de pessoas, como Antoine Saint-Exupéry disse: «Aqueles que passam por nós não vão sós, deixam um pouco de si, levam um pouco de nós». Eu sou uma parte de um todo, assim como sou um todo constituído por partes. E não há palavras suficientes para agradecer aos fragmentos que me ajudaram a crescer e a definir a pessoa que hoje sou. Então, de modo a incentivar uma reflexão sobre o quão sortudos somos e o quão agradecidos devemos estar por todas as pessoas que por nós passaram, destaco, nesta edição,

o texto da Ana Góis que se encontra nesta mesma página e que se intitula 'Um obrigado do tamanho do universo'.

Deixo assim uma palavra de agradecimento a toda a equipa do PV, que tão bem me acolheu, e à Escola da APEL por me terem proporcionado a experiência incrível de ser editora por um dia, que decerto deixará uma marca na profissional que espero vir a ser.

Sara Silva
Escola da APEL (Funchal)

Um obrigado do tamanho do universo

Se tivesses a oportunidade de agradecer às pessoas mais importantes da tua vida, como o farias? Será que um "obrigado" bastaria?

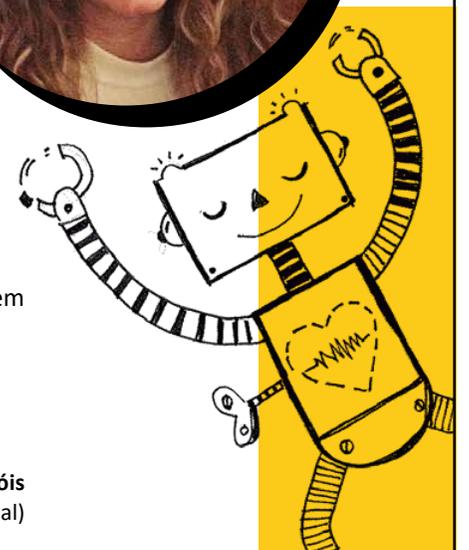
Eu, sinceramente, diria algo como «Sabiam que existem mais estrelas no espaço que grãos de areia no planeta Terra?». Estima-se que existam 200 mil milhões de galáxias, cada uma contendo milhões de estrelas, cada uma orbitada pelos seus planetas. Pergunto: já se sentem mais pequeninos? (Ou já acreditam em extraterrestres?) No meio de toda esta vastidão, como é possível que façam parte da minha vida?

Surpreende-me o facto de sermos ignorantes sobre 96% da massa-energia do nosso universo e, de algum modo, ter-vos conhecido algures. Não é preciso ir tão longe, todos os dias vemos

tantas pessoas distintas, ocupadas com as suas próprias vidas. Será que não é suposto chegarmos a conhecê-los? Porque será que conheço quem conheço? Poderíamos ter permanecido desconhecidos ou termo-nos tornado desconhecidos, o que chega a ser mais triste, mas não, vocês ainda aqui estão.

Neste preciso momento, algures nos 510 072 000 quilómetros quadrados da superfície terrestre, há quem chore desalmadamente, há quem sorria despreocupadamente. Vida e morte. Noite e Dia. "Olás" e "Adeus". Começos e fins. Existe o terror, o ódio, o preconceito, a felicidade, o amor e a amizade. Vivemos nesta sobreposição de emoções, vivências e realidades. É tudo tão desigual e nada sabemos sobre o que o futuro nos trará. Que diferença faço eu em 7,53 mil milhões de pessoas?

A minha e a vossa existência nada garantem. Somos pó de estrelas, um conjunto de átomos organizados, habitando um universo imenso (ou até infinito), tão caoticamente ordenado. A todos vós, que me fazeis sentir parte da loucura que é a nossa realidade, o meu maior "obrigada!". Por isso, se tiveres a oportunidade de agradecer às pessoas mais importantes da tua vida, diz-lhes, porque elas realmente merecem um obrigado do tamanho do universo!



Ana Góis
ES de Francisco Franco (Funchal)

A importância da Cidadania na escola

A cidadania apresenta-se como uma oportunidade de desenvolvermos as nossas capacidades e reforçarmos ferramentas que, muitas vezes, ficam apagadas na nossa vida académica.

Aprender a ser cidadão pode significar aprender muitas e variadas coisas, tais como: respeitar a Natureza, saber fazer um acolhimento, preservar a vida marinha, plantar árvores, estudar exemplos inspiradores da ciência e da filosofia, apreciar o modo como tratamos culturas diferentes das nossas, enfrentar os nossos preconceitos e refletir sobre tudo isso com consequentes mudanças de comportamento.

Com a cidadania sentimos que a escola está a aproximar-nos cada vez mais da realidade que vamos encontrar lá fora. Consideramos, no entanto, que ainda há muito trabalho a fazer na maneira como se privilegiam determinadas disciplinas de estudo. No ensino secundário, alunos e professores são muito pressionados



para obter bons resultados nos exames nacionais. Vivemos muito ansiosamente os exames e o nosso futuro, o que acaba por fazer com que não possamos explorar mais o campo da imaginação e das nossas especulações.

Os projetos de cidadania permitem-nos, sobretudo, tomar contacto com algumas realidades profissionais, nomeadamente nos cursos profissionais, canalizando e materializando todo um conjunto de aprendizagens, permitindo

aos alunos idealizar os seus projetos e pô-los em prática, de uma forma mais livre. Apesar de os cursos profissionais proporcionarem oportunidades de trabalho nos estágios, são oportunidades circunscritas a determinadas funções. Já os projetos de cidadania têm viabilizado aos nossos colegas dos cursos profissionais experiências de descoberta e autodescoberta bastante enriquecedoras.

Nós, alunos, estamos sensibilizados para o exercício da cidadania. Queremos uma escola integrada na sua realidade e também queremos poder sonhar com determinados projetos.

Para concluir, a escola tem de ser cada vez mais um lugar onde nos possamos sentir bem. Um lugar onde aprendemos com prazer e nos ligamos ao mundo.

Carolina Jardim, Daniela Agrela e Mafalda Cafôfo
EBS/PE da Calheta

Imensidão

Passávamos as tardes a olhar para o azul imenso do céu que se encontrava com o do mar beijado pelo caloroso amarelo do sol. E ali estávamos, imóveis a conversar sobre banalidades contemplando a beleza desta ilha, o barulho dos pássaros e a sentir um ar gélido na pele. Mas, a cada olhar, o meu coração aquecia nesta gruta insípida, mas com uma vista privilegiada, seja para o verde dos campos ou para a imensidão dos teus pensamentos que se cruzavam com os meus a cada lufada de ar fresco.



Leonor Mendonça
EBS Prof. Dr. Francisco de Freitas Branco
(Porto Santo)

Conhecer Pessoa e a sua Birra

Birra Produções é uma companhia recente de produções teatrais que está a levar à cena, em várias escolas do país, a sua peça original 'Já conheces Pessoa?'. Gonçalo Babo e Miguel Matos representam dois dos heterónimos do escritor português, levando-nos a mergulhar na vida de Fernando Pessoa.

A composição teatral é descrita pelos criadores como «Uma explosão de personalidades, sentimentos e ideais!». E, de facto, confirma-se. Toda a função pedagógica é interrompida pelas sucessivas interações entre os artistas e os jovens espectadores. Um dos pontos fortes desta obra dramática reside na imensa informação que nos é dada, apresentada de forma simples e lúdica, tornando-a compreensível e acessível a todos. Um dos heterónimos, Alberto Caeiro, homem ingénuo e poeta do real que vive de impressões, é sucessivamente apontado na peça, mas a intervenção que melhor o caracteriza é a declamação de um excerto do poema 'Há Metafísica Bastante em não Pensar em Nada', em que o poeta se debruça sobre a questão de não saber ao certo o que é o mundo. Álvaro de Campos, indivíduo masoquista, escandaloso e intelectual, é citado com a máxima importância



no 'Poema em Linha Reta' em que se propõe refletir acerca das suas atitudes mundanas. Ricardo Reis, outro dos heterónimos, é referido como moralista e autodisciplinado, pela leitura de vários dos seus textos poéticos. Além de todos os seus heterónimos, Fernando Pessoa é também invocado inúmeras vezes com poemas do livro 'Mensagens'.

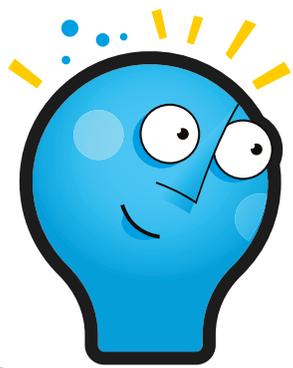
Na minha opinião, a peça é excepcional e merece, realmente, o devido reconhecimento por todo o trabalho, quer no texto escrito quer na representação. É um pensamento partilhado por mim e pelos meus colegas, o de que vale mesmo a pena ficar a conhecer Pessoa desta maneira.

Laura Mata
EBS Dr. Ângelo Augusto da Silva (Funchal)



Concurso Escolar

Se és aluno do Ensino Secundário, participa na tua escola!



grande ideia

Prémios laVie
FUNCHAL SHOPPING CENTER



#Ilustração

Charlie e as tecnologias

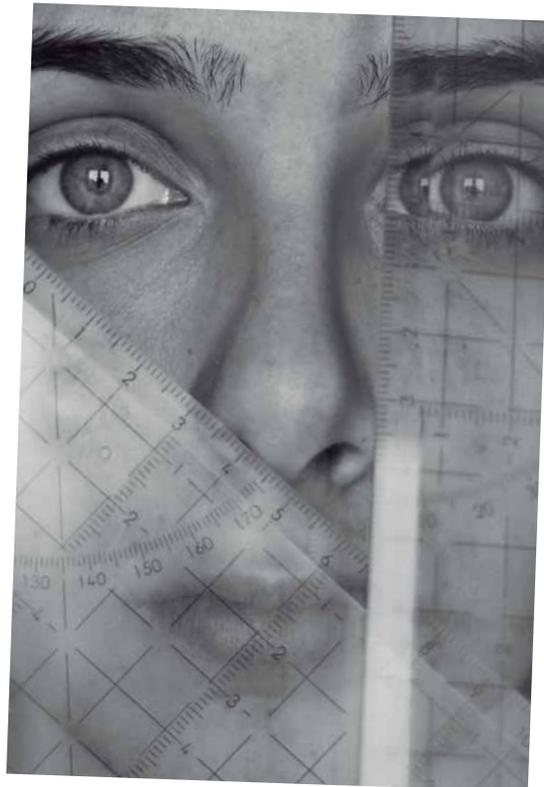
Luísa Vicuña
EBS/PE/C do Porto Moniz



#Fotografia

Composições Matemáticas

Matilde César
ES de Francisco Franco
(Funchal)



#Conto

Um conto ao contrário

Conta-se que existia, em tempos longínquos um pequenino e pitoresco castelo na zona norte de um Reino, onde princesas e príncipes se juntavam para a prática de atividades impostas pela sociedade e preparar um futuro tão apregoado pelos Mestres que acompanhavam o crescimento dessa Realeza. Conta-se ainda que esses Mestres, senhores de grande sabedoria, criaturas superiores até, como eram designados, aplicavam regras para que estes seres dotados de princípios, conseguissem manter futuramente um Reino pacífico e conta-se que eram tão severos que os obrigavam a conviver, partilhar, ajudar, respeitar e tratar todos de igual forma. Eram tão maus aqueles Mestres! Cada um deles inculcava valores necessários para uma vivência pacífica em comunidade, não permitindo desavenças e, apesar das exigências, estas atitudes eram apoiadas pois sabia-se que delas dependia o futuro daquele Reino.

E a magia acontecia, uma magia verdadeira proveniente do respeito mútuo entre cada habitante.

Com o passar do tempo, a notícia da existência deste Reino espalhou-se e conta-se que, numa tarde amena como tantas outras, chegou uma família Real, mãe, filha e pai acompanhados de um primo, que por infortúnio se viu sozinho no mundo por ter perdido a família num trágico acidente, vivendo amargurado desde então. Ainda nesse mesmo dia, conta-se, as crianças frequentaram o castelo por ser norma exigida e desde essa tarde tudo mudou naquele Reino que era Encantado.

O príncipezinho resmungão armou-se logo com outros príncipes colocando-se à bulha e logo se gerou um grande alvoroço. Os Mestres decidiram ensinar-lhe maneiras e a sua prima, princesinha arrogante com mau feitio, exigiu a presença dos pais que também não concordaram com aqueles castigos, pois achavam bem perdoar o rapaz por andar triste.

Alguns Mestres, que queriam ver terminado aquele alvoroço, eram da opinião que se devia esquecer o sucedido, outros não, pois tal atitude seria incentivo para futuras traquinices e assim naquele castelo deixou de reinar a harmonia e instalou-se a discórdia entre os Mestres, princesas e príncipes e entre todos os habitantes do Reino. Conta-se que, daquela tarde em diante, os Mestres deixaram de aplicar regras, princesas e príncipes já não conviviam, não partilhavam, não se ajudavam e já não se respeitavam. E assim se passou a viver naquele Reino que já não era Encantado, pois aquela

princesinha era afinal uma bruxa malvada que, ao presenciar tamanha harmonia, amaldiçoou aquele pitoresco castelo, multiplicando-o e distribuindo-o pelos Reinos da vizinhança onde, conta-se, permanecem até hoje, juntando princesas e príncipes em clima de inimizade fazendo deste um conto ao contrário.

Sobre aqueles Mestres, conta-se que os seus ensinamentos sobreviveram aos tempos, passando de geração em geração e que, ainda hoje, em cada um desses castelos, os Mestres tentam implementar as regras mágicas de outrora, especialmente o respeito, porque conta-se que acreditam que aquela magia pode voltar a acontecer!



#Poesia

Os pés calcam a terra

Os pés calcam a terra
e esmagam a primavera...
mas as flores não o sabem.
E quando vêm regar as boninas,
já nada pinta a paisagem,
nada tem cor...
é a consciência do outro
que se abate sobre mim,
eu, que fui girassol,
e me curvei porque todos os outros se torciam.

Há, todavia, uma semente de esperança
e o abril rebenta.
Vou dar costas ao sol!

Matilde Brazão
ES de Francisco Franco
(Funchal)



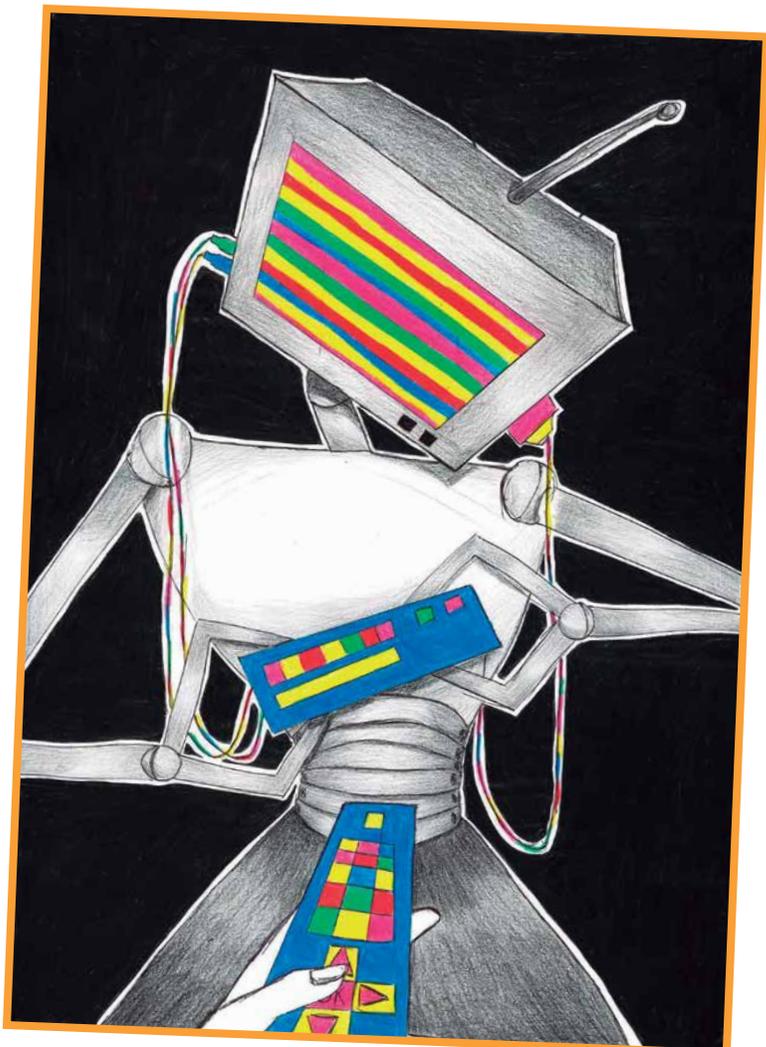
Aléxia Mendes
EBS Dr. Luís Maurílio da Silva Dantas – Carmo
(Câmara de Lobos)

#InvestigaçãoHistórica

Prémios
la Vie®
FUNCHAL
SHOPPING CENTER

#Ilustração

A televisão



Juliana Perestrello
EBS de Santa Cruz

Webgrafia:
– “Trabalhos em vime” in pt- *Madeira Live*, revista online mais antiga da Madeira <http://www.madeira-live.com/pt/wickerworks.htm>
– 600 anos Madeira e Porto Santo (2019) *Ep 71- Carros de Cesto (video)* https://www.youtube.com/watch?v=tW0rgQySEVc&list=PL5Hm-uEY0dzKs1RFH12xUv_dpz9JTYypd&index=72
– 600 anos Madeira e Porto Santo (2019) *Ep 142- A obra de vime (video)* https://www.youtube.com/watch?v=O8Fj2xWSf2M&list=PL5Hm-uEY0dzKs1RFH12xUv_dpz9JTYypd&index=143
– Figuras 1 e 2: <https://museus.madeira.gov.pt/DetalhesObra?id=96&tipo=IMA>
– Figura 3: Foto da autora, Marina Xavier

Entrevista direta:
– Entrevista direta ao artesão e carreiro Ricardo Vieira.

O vime que percorre a encosta

Numa visita àquela que é uma das freguesias mais emblemáticas da Região, o Monte, dei por mim a apreciar uma tradição que já conta com mais de um século de vida e onde a arte de trabalhar o vime é essencial. Juntamente com os turistas que diariamente vivenciam aquela experiência, viajei pela história dos Carros de Cesto do Monte e conheci o papel que a tradição tem em preservar artes e ofícios regionais.

Era na Camacha, na Boaventura e em São Vicente que, no século XIX, se concentravam os maiores polos de artesanato de vime da Madeira, no entanto, a Camacha tornou-se o centro industrial da obra de vimes. A atividade proporcionou emprego e rendimento tanto a homens como a mulheres que se dedicavam a esta indústria artesanal, na qual investiam toda a sua criatividade e talento. Os vimeiros são os locais que fornecem a matéria-prima de canas de vários tamanhos e grossuras, e quem as vê assim, na sua forma primitiva, não imagina o que delas se pode originar, sendo apenas necessárias umas mãos habilidosas e talentosas para que se transformem numa enorme variedade de objetos de todos os tamanhos e feitios: bandejas, cestos, móveis, abajures e muitos outros elementos decorativos, além dos muito importantes cestos de vime em que se sentam os turistas para ser levados pela encosta abaixo.



Figura 1 – Ricardo Vieira a encaixar os vimes na base



Figura 2 – Os reis D. Carlos e D. Amélia, à saída da Quinta da Choupana

Ao longo da segunda metade do século XIX, a freguesia do Monte tornou-se um refúgio para as famílias mais abastadas do Funchal e, por isso, acredita-se que por volta de 1850 surgiram os carros de cesto ou carros do Monte. Sem qualquer registo dos factos, supõe-se que a ideia surgiu de Russel M. Gordon, que adaptara o conceito de corsa para um meio de transporte seguro que tinha como destino o centro. Com o aumento da escala de navios no Porto do Funchal, rapidamente este veículo transformou-se numa atração turística para os amantes de aventura.

Inicialmente, os carros de cesto eram elaborados pelos mestres de obra de vime, na Camacha, e foi lá que José Vieira aprendeu esta arte que, mais tarde e visando a continuidade do ofício, transmitiu ao seu filho Ricardo Vieira o ‘saber fazer’. Segundo este artesão, também carreiro, um carro de cesto tem três anos de vida e é construído durante três dias consumindo cerca de 300 vimes. Em traços gerais, o meio de transporte é formado por dois suportes de apoio (afinca) para braços e pés; pelo assento; pelas cordas que orientam o carro; pelos orifícios onde se introduzem as cordas (focinhos); pelas costas; pelo fundo; pelas barras em madeira situadas nas extremidades (malhares) e pela vista que é um suporte de apoio às costas.

Para a história dos carros de cesto ficam momentos como as viagens do Rei D. Carlos I e da Rainha Dona Amélia, em 1901; do Presidente da República Marechal Carmona, em 1938; dos príncipes Leopoldo d’Arenberg e Isabel Stolberg, em 1995, e do Príncipe Alberto do Mónaco, em 2017.

De volta aos vimes, apesar da forte concorrência externa, serão para sempre, a par dos carros do Monte, uma imagem de marca da Madeira.



Figura 3 – O carro de cesto percorre a encosta, manobrado pelos carreiros

Marina Xavier
Escola da APEL (Funchal)

#InvestigaçãoHistórica

Manufatura de vimes: uma arte “camacheira”

A UNESCO salienta a importância da preservação dos legados culturais como um dos meios de que a humanidade dispõe no sentido de promover a criatividade: «As práticas tradicionais, assim como as formas de arte contemporânea, enriquecem o quotidiano de formas incontáveis.»

De acordo com as fontes disponíveis, a exploração de vimes para manufatura terá

começado na primeira metade do século XIX, nas montanhas e vales “camacheiros”. Os vimeiros, com os quais se iniciou este ofício, podem dar entre 2 a 5 quilos de vime, posteriormente descascado, seco e fervido, adquirindo então elasticidade e a cor castanha. Antes da fervura, a sua cor original é o branco. Depois, passa por um processo de transformação



durante o qual será dada forma aos mais variados tipos de mobiliário e objetos de utilidade doméstica (cestos, caixas, cadeiras, malas, canapés). O vime também é utilizado para a fabricação de artigos de decoração, comercializados em espaços e por artesãos conhecidos. O site 'Aprender Madeira' refere o 'Café relógio', o 'Bazar Flor da Achada' e os artesãos José Jesus Fernandes, José Pedro e José Fernandes da Silva. Uma outra razão pela qual a obra de vimes não passa despercebida, pelos habitantes e por quem nos visita, é a dos famosos 'carros de cestos' do Monte, um dos *ex-libris* da nossa Região, sendo que uma grande parte dos mesmos é constituída por vimes. Os vimes são também utilizados para o transporte de uvas, na época das vindimas, na Madeira e no Porto Santo. Relativamente aos dias de hoje, uma grande maioria da produção destina-se à exportação para países localizados na Europa Central e para os Estados Unidos da América.

De um ponto de vista regional, a sua utilização nas casas e no dia a dia caiu em desuso, algo que se lamenta, pois estamos a falar de um produto natural, com utilidade e qualidade, que preserva o meio ambiente e contribui para a redução da pegada ecológica.

Como “camacheiro”, orgulho-me deste património natural e cultural e gostaria que ele



voltasse a ser uma opção mais frequente porque me preocupo com o futuro e com a qualidade de vida de que vamos poder usufruir quando formos adultos. Às vezes, temos os meios e a capacidade de os usar e transformar sem danificar o meio que nos rodeia, basta olharmos um pouco para dentro.

«A orografia da vertente norte da Camacha não confere grandes possibilidades agrícolas, resultando deste facto o notável incremento da cultura e indústria de vimes, nomeadamente, a partir de finais do século XIX. Nas obras de vime, geralmente executadas em oficinas situadas junto às habitações dos artesãos (...) um produto “sui generis” de origem camachense» (*in Junta de freguesia da Camacha*). Um orgulho, pertencer a este legado.

Webgrafia:

www.unesco.org
<http://aprendermadeira.net/camacha-moldadora-do-vime/>
<https://jfcamacha.pt/artesanato/>
<http://www.visitmadeira.pt/pt-pt/a-madeira/produtos-regionais/vimes>

Bibliografia:

Elucidário Madeirense

Diogo Teixeira
ES de Jaime Moniz (Funchal)

#Poesia

A morte é igual a nada

A morte não é nada.

Não conta.

Apenas é a transição para o próximo quarto.

Nada aconteceu.

Tudo se mantém exatamente como estava.

Eu sou eu, e tu és tu.

E a vida passada que vivemos tão carinhosamente juntos está intacta.

O que nós éramos um para o outro, ainda o somos.

Chama-me pelo nome antigo, familiar.

Fala de mim como sempre falaste

E não mudes de tom.

Sem tristeza ou desespero.

Ri-te como ríamos a cada piada estúpida

Brinca, sorri e pensa em mim.

Deixa o meu nome ter sempre o mesmo significado que teve.

Deixa-o ser dito sem uma sombra de alguém.

A Vida continua a ter o mesmo sentido que tinha

É sempre a mesma coisa.

Continua, intacta...

Marco Jardim
EBS da Ponta do Sol

#Ilustração

Marcar o tempo

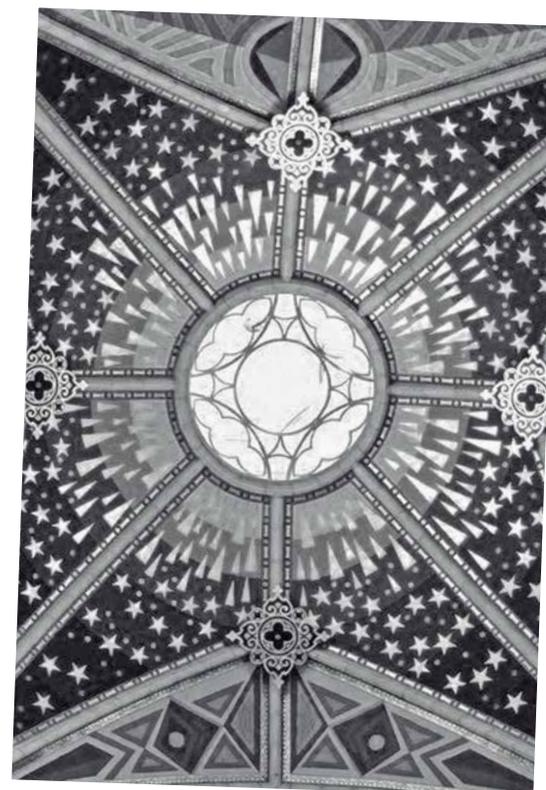


Mariana Câmara
EBS Gonçalves Zarco (Funchal)

#Fotografia



Pensamentos calculados



Manuel Aguiar
EBS da Ponta do Sol

#Reportagem

Cidadania na escola

Antes de avançarmos para a questão do título desta reportagem, talvez seja importante recordarmos em que consistem os conceitos de cidadania e cidadão. Para me esclarecer sobre estas questões recorri ao sempre útil dicionário. Nele é dada a definição de cidadão como um indivíduo que vive num estado livre, entre semelhantes, e que goza de direitos e responde a deveres, independentemente de idade, cor, sexo, orientação sexual ou religião que siga. Ser cidadão consiste em ser-se responsável, solidário e respeitar os outros nas suas diferenças e nas suas escolhas.

Saber o que é ser "cidadão" e saber como exercer devidamente a cidadania é alvo de discussão desde a Grécia Antiga e alguns pensadores deram-nos orientações de como deveríamos viver de acordo com aquilo que interessa a todos: o bem comum.

Esta é uma discussão intemporal e a escola, além de importantíssima na nossa formação, transmitindo-nos conhecimentos, também nos deve "ensinar" a exercer de forma positiva o nosso papel na sociedade, dando-nos exemplos de como ser um bom cidadão. Por isso são tão importantes os grupos, clubes e projetos onde pomos em prática a nossa cidadania e que nos incitam à aprendizagem e ligação com o mundo que nos rodeia. A nossa escola tem vários projetos em que essa finalidade se concretiza. O grupo de teatro 'Voo



à Fantasia' é exemplo disso. Todos os anos participa no festival Carlos Varela e destaca-se nas apresentações. Nele se promove o convívio, a socialização e a autoestima, o que acaba por nos ajudar nas apresentações orais, pois mostra-nos como combater o nervosismo e a vergonha de nos apresentarmos publicamente. Promove, também, a leitura e a representação de textos, o que fomenta o gosto pela literatura e incentiva-nos a valorizar o nosso património literário.

O projeto IShare é outro bom exemplo que nos ensina a desvalorizar o consumismo, a investirmos numa economia circular, a reduzir as necessidades, a sermos solidários com quem menos tem e que nos mostra o quanto é importante a partilha num mundo cada vez mais virado para o seu umbigo. O IShare é uma "loja social" que recebe artigos doados e os entrega às famílias carenciadas que os procuram. Foi criado por professores de Inglês e qualquer um de nós pode doar ou receber bens sem que nessa troca esteja envolvido o dinheiro. Olhar para estes exemplos ajuda-nos a crescer com a consciência do verdadeiro significado de cidadania e de como devemos conviver, prezando por valores positivos.



José Vale
EBS Padre Manuel Álvares (Ribeira Brava)

#Poesia

Desassossegos

O pânico
E o medo de viver
É tudo dinâmico
E tudo é para sobreviver.

Escolhas erradas
Que vidas tiram
Ou decisões acertadas
Que pessoas nunca viram.

Pecado é a vida,
Pois viver é pecar,
A morte é temida
E no além vamos entrar.

O céu é imenso,
Mas não é p'ra mim.
É o que penso,
Pois estou perto do fim.

Com a vida acabando
E o infinito a chegar,
A morte estou adorando,
Pois calmo posso pensar.

Pedro Fernandes

EBS Bispo D. Manuel Ferreira
Cabral (Santana)

#Fotografia

Marcas matemáticas



Júlia Dória

EBS Bispo D. Manuel Ferreira
Cabral (Santana)



#Conto

O trono desaparecido

Era uma vez, num castelo, uma família monárquica à espera de um filho varão. Castelo este, abastado, mas não de ouros ou criados, apenas dos trabalhadores a solicitar o pão devido pelo trabalho que fizeram: nas muralhas, sepulcrário, torres e aposentos reais, onde imóveis estão duas poltronas e um trono. Porém, ao nascimento do filho, a rainha falece, forçando o rei a procurar uma aia para cuidar do seu filho, então, além de uma criada, aproveita uma oportunidade diplomática e casa-se com uma princesa de Espanha. Acrescentando-se à família real duas figuras femininas. Anos mais tarde, o povo revoltado pela proximidade espanhola à corte espera que o príncipe crescido tome o trono. O rei sedentário quer uma conquista para amainar o povo,

partindo, assim, para a guerra onde é enterrado por uma força de cem cavalos, deixando o lugar real a ser disputado entre a recente viúva e o seu filho.

Recebida a notícia, o príncipe e a rainha contestam o futuro do reino e no calor da sua discussão, a criada esconde o trono. Apercebendo-se disto, os dois procuraram-no incansavelmente durante horas, não o encontrando, até que um tempo depois se cruzaram no cemitério, onde encontraram o assento real junto da criada.

O trono foi deixado no lugar, e o príncipe e a rainha voltaram para os aposentos reais, onde se sentaram cada um na sua poltrona, governando juntos a partir desse dia, fazendo florescer prosperidade no reino.

Tiago Castro
EBS de Machico

#InvestigaçãoHistórica

Do grão à farinha: Memórias de um Porto Santo diferente



A ilha do Porto Santo é muitíssimo rica em tradições. Afinal de contas, há mais de 600 anos que os seres humanos habitam esta terra de sobreviventes. E os moinhos fazem parte deste conjunto de costumes e tradições que foram aproveitando o melhor que a ilha dava. Usados para a produção da farinha desde final do século XVI, os moinhos de vento no Porto Santo são hoje apenas um “monumento” para apreciação dos turistas. Atualmente, já não se semeiam cereais e os moinhos

foram perdendo a sua utilidade. Porém, os porto-santenses mais antigos ainda se lembram desses tempos idos da produção da farinha. E assim fomos à descoberta dessas pequenas histórias tão valiosas.

Inicialmente, os cereais tinham de ser semeados para depois serem colhidos. Semeio em novembro, colheita em maio ou junho. Os mais comuns eram o trigo, a cevada e o centeio e, mais raramente, a aveia e o milho. Após serem colhidos eram levados para as eiras (estrutura circular de 30m² feita com várias camadas de terra muito bem batida e rodeada de pedras onde se deitava a palha misturada com o grão). Os cereais eram aqui debulhados. E eram os animais que separavam a palha do grão, num processo moroso e extenuante que se chamava 'debulha-à-unha do boi'. A palha era retirada com o auxílio de um forcado. Depois, os grãos eram separados com um gravanço, retirados e postos em caixas. Estavam então prontos para a moagem.

Bibliografia:
RIBEIRO, João Adriano (1997). *Porto Santo Aspectos da sua economia*. Porto Santo, ed. CMPS.

No moinho o grão era posto numa caixa de madeira e, conforme as velas rodavam enfunadas pelo vento, caía sobre as moendas onde era triturado e, finalmente, transformado em farinha. Havia dois tipos de moenda: a alva produzia a farinha alva (equivalente à atual chamada 'tipo 55') e a trigueira produzia uma farinha mais escura (de 'tipo 65'). Eram também utilizadas caixas de madeira para a medição da quantidade de farinha: o alqueire (11kg), a quarta (4kg) e a maquia (2kg). Após trituração, a farinha estava pronta para ser peneirada e então depois ser utilizada no pão, no típico bolo do caco ou na escarpada. Uma curiosidade. Para fazer o caldo de farinha, utilizado nas papas dos bebés, era necessária uma farinha ainda mais fina. Assim, a peneira usada para este fim tinha um fundo de seda. O restante farelo que não passava nesta seda era utilizado como alimento para os animais, o chamado ralão, atualmente mais conhecido como farinha integral. No final esta farinha era também vendida a quem não tinha grão e uma pequena parte era retirada para uso doméstico, ou ainda como retribuição salarial de quem a produzia. Estas vivências trazem-nos hoje noções de realidades diferentes da nossa, num tempo em que era dado mais valor às simples atividades como esta. É importante conhecermos um pouco da história da nossa terra e preservar estas pequenas tradições que, noutras épocas, foram tão importantes para o desenvolvimento e crescimento social e económico do Porto Santo. Durante décadas, não esqueçamos, o Porto Santo foi o celeiro da Região.



William Monteiro

EBS Prof. Dr. Francisco de Freitas Branco (Porto Santo)

#Reportagem

A Cidadania que trazemos cá dentro



A flexibilidade curricular trouxe mudanças em todos os cursos científico-humanísticos, nomeadamente Cidadania e Desenvolvimento, enquanto componente de currículo. Na EBS/PE da Calheta, no 1.º ciclo e no ensino secundário a cidadania surge de forma transversal a todas as disciplinas e áreas, enquanto que nos 2.º e 3.º ciclos surge como disciplina, sujeita a avaliação.

Neste ano letivo, as turmas do secundário escolheram os temas a abordar na transversalidade da cidadania. A escola tem uma grande prática de projetos e bons hábitos relativamente a atividades que coloquem os alunos em contacto com grandes questões que movem a cidadania. Neste sentido, realizaram-se atividades focadas em personalidades históricas, mulheres cientistas, voluntariado e proteção do ambiente. Foram ainda organizados eventos desportivos, que promoveram o contacto com a Natureza e a biodiversidade marinha.

Sendo março o mês em que se celebra o Dia da Mulher, no âmbito do tema 'Personalidades históricas que mudaram o mundo', um dos projetos que se destacou foi 'Mulheres que lutaram pelas suas ideias'. Nele, os alunos começaram por abordar a questão dos Direitos Humanos e da igualdade de género. A aluna Daniela Agrela refere que «a professora de Filosofia nos contou a história de Hipátia, e depois

de visionarmos o filme 'Ágora', foi-nos sugerido que elaborássemos um trabalho sobre esta figura». Já a aluna Mafalda Cafófo acrescenta que «a turma ficou surpreendida com a existência de uma mulher com tamanha dedicação e lealdade aos seus pensamentos, numa época em que as mulheres não tinham liberdade de expressão. A sua biografia levou-nos a pensar na evolução da sociedade em relação ao estatuto da mulher e ao modo como ela é vista». O trabalho desenvolvido neste projeto foi divulgado à comunidade escolar a propósito da homologação dos Direitos Humanos nas Nações Unidas em 1948.

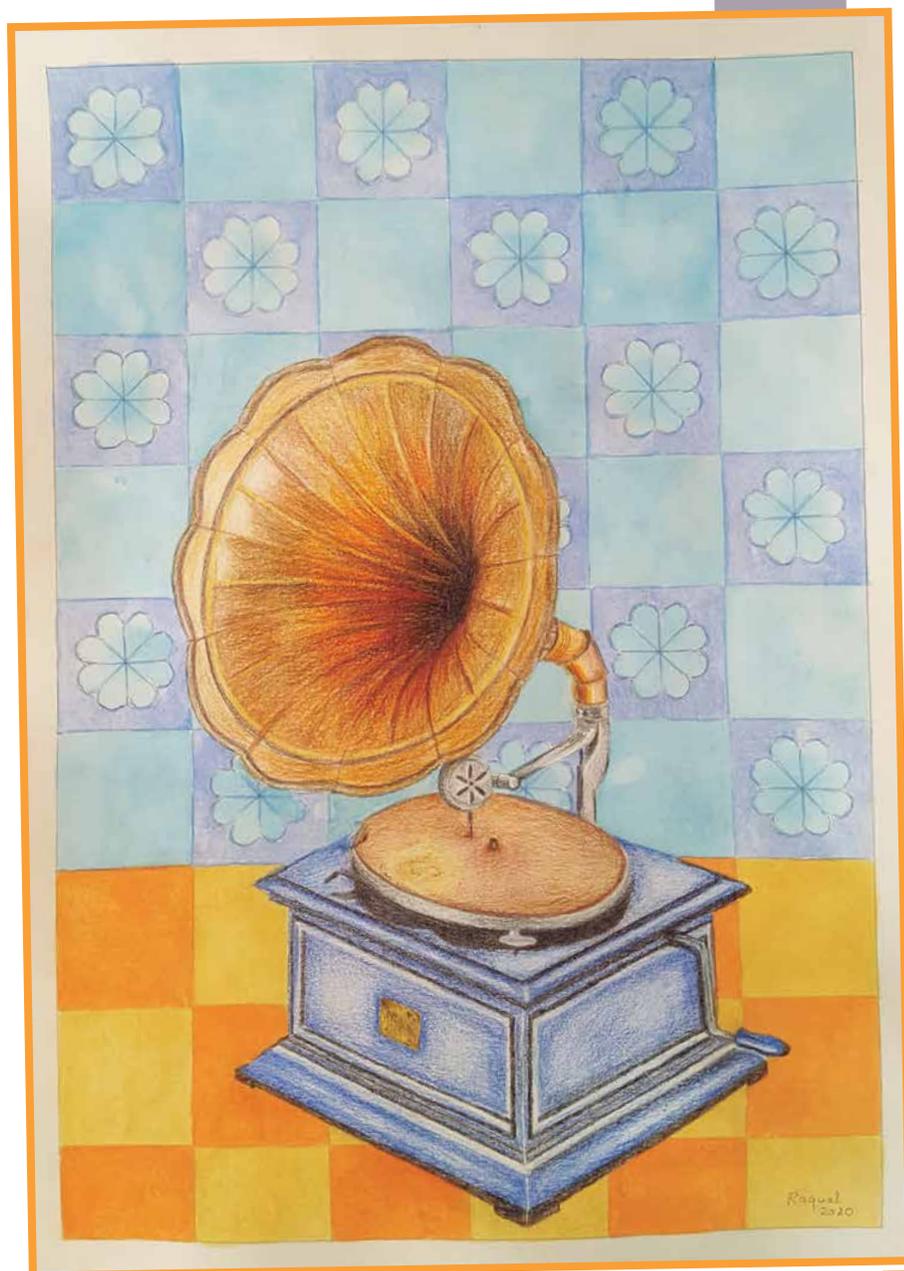
Em conversa com a Coordenadora para a Estratégia de Cidadania e Desenvolvimento da EBS/PE da Calheta, a professora Maria Helena Dias destaca a importância de promover a cidadania na escola, pois «apesar de haver alguma dificuldade em motivar todos os alunos para as problemáticas que envolvem a sua formação enquanto cidadãos, é cada vez mais claro que temos de aprender a trabalhar em equipa, apurar técnicas de pesquisa e consciencializar a comunidade de que também trazemos a cidadania cá dentro e de que a escola é mais do que um saber de livros».

Carolina Fernandes
EBS/PE da Calheta



#Ilustração

Grafonola



Raquel Mendes

EBS D.ª Lucinda Andrade (São Vicente)

#Reportagem

A patinagem de velocidade

Quando se ouve falar de patinagem pensa-se logo no hóquei ou na artística, mas existem outras vertentes desportivas sobre patins, e a de velocidade é uma delas.

Esta modalidade surgiu em Portugal em 1870 e tem vindo a ser praticada até aos dias de hoje. Desde a sua estreia até 1992, a patinagem era praticada com patins de rodas paralelas, sendo depois introduzidos os patins em linha, que até hoje são utilizados na prática desta vertente em patins.

A patinagem de velocidade pode ser disputada em pavilhão, numa pista ou num circuito de estrada, tanto fechado como aberto. As provas têm distâncias que vão desde os 100 metros aos 42 km (maratona) e podem ser realizadas sob forma de contrarrelógio, tal como se faz nalgumas etapas de ciclismo em linha, onde todos os patinadores partem ao mesmo tempo e, aquele que cortar a meta em primeiro é o vencedor. Outro tipo de prova é a com metas volantes em voltas pré-estipuladas, onde são atribuídos pontos aos dois primeiros patinadores a passar na meta nessas voltas, o patinador que acumular mais pontos até ao final da prova é o vencedor. Há também provas de eliminação, nas quais, de novo em voltas pré-definidas, o último atleta a cruzar a meta é eliminado ficando apenas cinco patinadores para disputar o *sprint* final.

Na Escola, eu e a colega Sara Gouveia somos praticantes desta atividade. Alcançámos um bom nível e participamos, regularmente em provas nacionais e internacionais. Nem sempre é fácil conciliar os treinos diários com a escola, e com o estudo, mas com um grande esforço, conseguimos. É para nós uma atividade aliciante que nos permite “voar e sonhar”, e é o nosso escape. Permite-nos conhecer novos países, colegas e outros níveis de competição. Sempre que conseguimos uma boa pontuação ou mesmo o melhor lugar, é um orgulho enorme.

Assim, a patinagem é um desporto que está a crescer a nível nacional e também internacional, mas ainda não tem poder económico suficiente para assegurar salários, pelo que quem o pratica depende de outras formas de subsistência. Na verdade, um atleta que acabe a sua carreira aos 35 anos, por exemplo, por mais prémios monetários que ganhe, não tem capacidade financeira para conseguir suportar uma vida sem outra atividade. Contudo, é uma modalidade engraçada, muito convidativa, e é, também, capaz de inovar e criar sempre novas provas ou novas formas de adequar os campeonatos à faixa etária dos atletas que neles participam.



Rodrigo Mendes

EBS Dr. Ângelo Augusto da Silva (Funchal)

A falsa perfeição das cirurgias plásticas



As revistas, programas televisivos e redes sociais frequentemente transmitem uma ideia de “corpo perfeito”. A maioria de nós sabe que este corpo não é natural e que as modelos foram sujeitas a procedimentos estéticos ou *Photoshop*. Muitas pessoas, principalmente adolescentes, desejam ter este corpo exigido pela sociedade, mesmo sabendo que é quase impossível tê-lo sem cirurgias plásticas.

Na minha opinião, nós não devemos mudar quem somos para sermos similares a uma atriz que vimos na televisão. Todos somos diferentes, cada um com a sua essência. Devemos aceitar-nos tal como somos, mesmo sendo magros ou gordos, altos ou baixos. Cada um é especial à sua maneira.

Primeiramente, os procedimentos estéticos são extremamente perigosos e caros. Algumas pessoas insistem em pagar por algo que lhes vai causar dor e desconforto e, ainda assim,

sabem que há a hipótese de não ficarem satisfeitas com o resultado. Cada corpo é um corpo. Posso fazer uma cirurgia a fim de ficar parecida a alguém que me inspira, mas o meu corpo irá reagir de diferente forma, logo não irá parecer o mesmo.

Em segundo lugar, se para os adultos uma cirurgia plástica pode falhar, para os adolescentes ainda há mais hipóteses de tal suceder. Os jovens não devem fazer procedimentos estéticos, porque o corpo ainda está em crescimento e em desenvolvimento. É necessário ter em conta que um corpo pouco desenvolvido não irá reagir da mesma maneira que um corpo adulto. Também as consequências para os adolescentes serão piores, dado que irão sentir muitas dores e por esse motivo estarão sujeitos a medicações mais fortes.

Seguidamente, é necessário referir que também as preferências e interesses das pessoas mudam. Muitos indivíduos fazem cirurgias

plásticas porque é apenas uma tendência e, com o passar dos anos, esse padrão de beleza muda e tal poderá gerar arrependimento pela ação feita.

Para mim, procedimentos estéticos deveriam apenas ser realizados caso fosse realmente necessário. Por exemplo, uma pessoa que sofreu um acidente e ficou desfigurada deve fazer uma cirurgia plástica, a fim de melhorar a sua condição.

Concluindo, no geral eu não concordo com as cirurgias plásticas, dado que, futuramente, estas podem causar graves problemas. A não ser que a operação tenha como objetivo melhorar a nossa saúde, é preferível não seguir o padrão de beleza exigido pela sociedade e saber aceitar-se tal como se é.

Ana Vasconcelos
EBS de Santa Cruz

Um sussurro

Um sussurro de uma palavra
Um beijo na badalada
E um grito de socorro
Num sussurro pouco estrondoso

Um sussurro de madrugada
Uma imagem de paz
Um clima sem palavra
Sem dor nem amor



Um sussurro apertado
Uma réstia de voz
Um olhar de lado
Ao sussurro do medo

Sussurro de alegria
Magia no coração
Alimenta a cortesia
De amar e pedir perdão

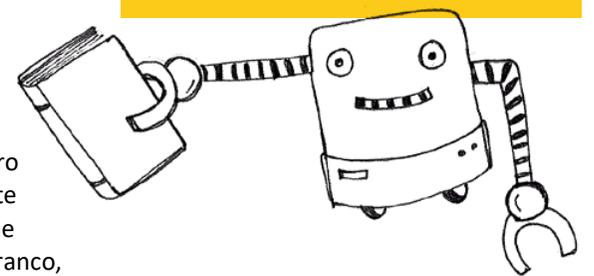
Eva Oliveira
EBS Gonçalves Zarco (Funchal)

Café e pão torrado

Apesar de quem mover montanhas não mover corações, a menina da cidade tinha como maior ambição inventar-se e fazer com que a população dessa mesma cidade, também o fizesse, tendo como melodia cada palavra, imaginando o cheiro puro do carvão e da humidade no papel. Todos os dias, a rapariga da cidade acordava ao som de um simples despertador, que badalava sempre à primeira hora do dia. O seu bocejar perdia-se no barulho de uma cafeteira que enchia a casa com o cheiro a café, que logo se juntava ao cheiro do pão torrado com manteiga salgada. Todos os dias dirigia-se ao edifício em que outrora se ensinaram os melhores engenheiros, mas o seu olhar e pensamento pertenciam ao outro lado da rua – a Casa da Literatura. As suas colunas perfeitas, o frontão detalhado, a estrutura contemporânea, os jardins com bancos à sombra das verdes rainhas, cada uma com diferente fruto, cada uma pura. No desenvolvimento de um protótipo, a caloira, engenheira de produção, articulava cada palavra do

relatório infinito como se de um livro se tratasse, mas sem entender a arte da escrita. Os restantes caloiros, que apenas diferenciavam o preto do branco, divertiam-se a troçar do manuscrito quase perfeito, como se tudo aquilo não passasse de uma barbaridade.

Como nos filmes de Hollywood, a rapariguinha, já quase mulher, decidiu que se aquela alguma vez fosse vida para ela, então já não seria mais a rapariguinha da cidade e pediu transferência para aquele que era o paraíso dos escritores. Da mesma maneira que nem tudo o que vem é bom, a transferência, negada, fez com que todas as bolsas de estudo também o fossem. Nenhum mal vem só e sem o apoio financeiro a dita caloira deixou de ser e passou a ajudar o pai na pastelaria, enquanto os donos do preto e branco continuavam a desenvolver projetos que não passariam de meras ideias. Não querendo decepcionar o pai, a ajudante de pasteleiro continuou a escrever, como se cada palavra fosse a última, como se a



sua vida dependesse disso. Cada cêntimo das gorjetas de bom serviço era guardado até ao grande dia, o dia em que finalmente completasse o livro e o mandasse editar. Com mil e uma noites mal dormidas, não seria tão difícil assim completar a sua reflexão. Apesar de trabalhar com uma editora barata, as vendas cresceram rapidamente, tornando-se uma referência a nível internacional. Os caloiros viram as outras cores, os protótipos funcionaram, os escritores deixaram a complacência de lado e começaram a falar sobre novas ideias. Todas as manhãs, à primeira hora do dia, a rapariguinha, agora mulher, enche a casa com o mesmo cheiro a café, a pão torrado. Porém desta vez, o cheiro do papel húmido não era só imaginação. Talvez da mesma maneira, todos os sonhos não sejam só imaginação.

Paula Álvaro
EBS da Ponta do Sol



Numa cidade muito distante, mas não tão distante assim, cresceu (agora já quase mulher) uma jovem cuja generosidade moveria montanhas.

Arte de Portas Abertas

A visão de duas alunas da disciplina de Português Língua Não Materna

A imagem que escolhi é composta por cinco elementos. Na primeira parte, vejo adultos e crianças, depois dois corações que representam o amor. Mais abaixo está um olho de cor azul e umas pestanas,



muito bonitas e longas. Depois está um gato de cor preta, em cima de uma cadeira; ao fundo, observo umas rochas, duas mãos e uma chave muito antiga.

A cor predominante é o vermelho, que representa o amor. O olho apresenta-se em tons de azul, a cor do céu.

O tema desta imagem não está relacionado com a nossa ilha. Trata-se de um assunto universal como a família, os amigos, o amor, os animais e a natureza.

Eu escolhi esta porta da Rua de Santa Maria porque é uma peça de arte que me chamou muito à atenção por ser muito bonita.

Mesmo que pudesse, eu não alteraria a imagem, pois penso que assim ela é perfeita.

Ângela Rojas
ES de Jaime Moniz (Funchal)

Nesta porta observo uma imagem muito interessante. Trata-se da estrutura de um edifício amarelo sobre o mar, com pedras. Apesar de viver há pouco tempo na ilha da Madeira, reconheço como sendo o Forte de São Tiago.

Há montanhas ao fundo com o céu azul e nuvens brancas. A cor que predomina nesta imagem é o azul do mar e do céu. Contudo, o amarelo é a cor que mais se destaca pelo contraste com o azul. Esta porta poderá ter como objetivo homenagear a importância do Forte de São Tiago para a proteção da cidade Funchal, em tempos passados.

Ao contrário de outras portas da Rua de Santa Maria, esta está intrinsecamente relacionada com a nossa ilha, porque apresenta um edifício militar que serviu para proteger a cidade do Funchal das invasões dos piratas por mar.

A razão que me levou a escolher esta porta foi o facto de nela constar uma paisagem junto ao mar.



Se eu pudesse modificar esta pintura, no meu ponto de vista, eu introduziria umas aves na imagem e ressaltaria mais as montanhas.

Katherine Rivero
ES de Jaime Moniz
(Funchal)

Reflexão com História

No dia 18 de fevereiro de 2020, realizou-se, na sala de sessões da Escola da Levada, uma atividade dos alunos de PLNM (Português Língua Não Materna), acerca das dificuldades que estes novos alunos enfrentaram quando chegaram a este país, com a diferença entre as línguas e o contacto com outra cultura, pois necessitaram de aprender tudo de novo e de se enquadrar nas novas regras e normas. Segundo eles, tudo começa nas coisas mais simples, como pensar por eles próprios e aprender a respeitar e a aceitar novas culturas e tradições.

A emigração é o ato de deixar, voluntária ou involuntariamente, o local de origem com intenção de se estabelecer num país estranho (um indivíduo que se encontra nesta situação é denominado na sua pátria por emigrante). As razões que levam uma pessoa ou um grupo a emigrar são imensas, como as condições políticas desfavoráveis, a precária situação

económica, perseguições religiosas ou guerras*.

Os alunos mencionaram, ainda, a diáspora portuguesa, que se designa, para todos os efeitos, uma palavra nova, pois na transição do milénio começaram a vê-la aplicada para descrever o fenómeno secular da emigração portuguesa.

Dando continuidade ao tema, a professora responsável pelo projeto apresentou-nos um vídeo elucidativo sobre os madeirenses errantes, transmitido pela RTP e baseado na obra *Madeirenses Errantes*, de Ferreira Fernandes. A obra relata o fenómeno da emigração madeirense forçada que partiu, em meados do século XIX, da Madeira para a ilha da Trindade, das Caraíbas para o Ilinóis, e daí para o arquipélago do Havai. Esta fuga obedeceu a perseguições religiosas, pois todos eram seguidores de Robert Reid Kalley,

escocês, instalado há algum tempo na Madeira e defensor do culto protestante da Igreja Livre da Escócia, cujo objetivo maior era «explicar a Bíblia»**, e a que muitas famílias madeirenses aderiram. Porém, tudo mudou, passado algum tempo, e todos os que professavam a nova religião foram perseguidos e obrigados a fugir clandestinamente. Segundo o autor da obra, «Milhares de madeirenses e seus descendentes atravessaram mares e fixaram-se em estranhos lugares, porque um dia, Robert Reid Kalley se cruzou com a ilha deles» (pág. 2)**.

No documentário, foram apresentados os seus descendentes, residentes na América, e as investigações de alguns em busca das suas origens madeirenses.

Relativamente a este tema e projeto, creio que a emigração é um assunto delicado e muito discutido em vários países.



Para concluir, considero que os alunos participantes do projeto de PLNM contribuíram para uma maior explicitação e compreensão do processo de emigração, para nós, alunos, ao ouvi-los relatar as dificuldades por que passaram no processo da mudança, e como podemos contribuir para ajudá-los numa melhor adaptação ao nosso país, seja em termos escolares ou sociais.

*In *Dicionário Enciclopédico*, Tomo I, A-D, Temas e Debates

** Ferreira, Ferreira, *Madeirenses Errantes*, Oficina do Livro, 1.ª edição, maio de 2004

EMA ABREU
EBS Dr. Ângelo Augusto da Silva (Funchal)

Reserva Natural do Garajau:

um testamento às gerações vindouras



A Reserva Natural do Garajau, localizada entre a Ponta da Oliveira, no Caniço, e a Ponta do Lazareto, no Funchal, foi criada em 1986, fruto da união de mergulhadores que pretendiam salvaguardar aquela área e a sua rica diversidade marinha. Em Portugal, foi a primeira reserva exclusivamente marinha.

Como adolescente e defensora da preservação de espécies e de ambientes naturais, considero que esta iniciativa dos meus antecessores teve um grande impacto no futuro da geração a que pertença. As regras impostas ao longo de toda aquela área transmitem segurança não só às espécies, mas também ao público que a frequenta.

A constante presença de humanos no *habitat* dos animais marinhos torna-se essencial, na minha opinião, para existir alguma cumplicidade entre as diferentes espécies, permitindo que tenham a oportunidade de interagir com segurança mútua.

Atualmente, considero que são poucas as pessoas que partilham de uma opinião tão defensora como a desses mergulhadores, importante para a afirmação daquela zona como Reserva. Tornámo-nos um povo maioritariamente individualista e poluidor. A quantidade de lixo existente nos mares e oceanos tem

vindo a aumentar e o lixo recolhido nas praias também é muito significativo. É também crescente o número de espécies em vias de extinção.

Em suma, é necessário que os jovens mudem os hábitos e adaptem alguns comportamentos de forma a não prejudicar o ambiente e, consequentemente as espécies. É importante louvar e tomar, como exemplo, iniciativas desta dimensão e tornar o nosso impacto positivo nas gerações futuras.

A Reserva Natural tornou-se não só um ponto de defesa ambiental, mas um dos principais pontos turísticos para os amantes do mar devido à vasta extensão de água cristalina. Deste modo, os princípios desta reserva devem propagar-se de maneira a termos não só uma área, mas também uma ilha rodeada de água cristalina.



Beatriz Teixeira
ES de Jaime Moniz (Funchal)

Antes era a brincar...

agora é a sério!

O atletismo sempre foi um desporto que me cativou, não só por nos levar aos limites, mas também porque envolve técnicas complexas.

Apaixonei-me pelo atletismo rapidamente e aos cinco anos comecei a acompanhar a minha irmã aos treinos, por diversão e para poder conviver com os meus colegas, mas a dada altura, apercebi-me que talvez tivesse algum talento e desde então dediquei-me e esforcei-me para ser bem-sucedido e alcançar bons resultados.

Atualmente represento a Associação Desportiva e Recreativa de Água de Pena (ADRAP) e sou treinado pelo professor Ricardo Crespo, contando com 25 títulos de campeão regional, sete medalhas nacionais e uma internacionalização pela seleção nacional.

Os meus objetivos futuros no atletismo são obter os melhores resultados, continuar a obter pódios nacionais e a representar as seleções regional e nacional.

Manuel Vieira
EBS de Machico



Erasmus +: do receio à oportunidade

Entre os dias 9 e 16 de fevereiro, 14 alunos da nossa escola receberam alunos em mobilidade, através do programa europeu Erasmus+. Estes alunos vieram de três países: Lituânia, Espanha e Dinamarca. Ao todo, éramos 35 alunos cheios de energia e vontade de interagir com culturas diferentes da nossa.

O nosso projeto, o IVTA (*Intercultural Volunteering for Teenagers' Awareness*), tinha como objetivo consciencializar os adolescentes para os problemas do aquecimento global, bem como o espírito de voluntariado que existe em nós, por isso é que, durante a semana, dinamizaram-se várias atividades, como a limpeza da praia da Rocha do Navio ou atividades lúdicas com idosos e crianças do concelho.

Durante esta semana, todos nós tivemos a oportunidade de fazer amigos e estabelecer contactos com os alunos estrangeiros. Garanto-vos que essa oportunidade não nos passou ao lado.



Todos nós estabelecemos relações com muitos alunos estrangeiros, mas acredito que falo por todos quando digo que nós nos apegamos mais aos alunos que ficaram em nossas casas. Esses guardamos num recanto especial do nosso coração.

Por fim, com esta experiência, aprendemos que em todo o lado existem boas pessoas e que devemos manter uma mente aberta quanto àqueles que vêm de fora, porque, não vos vou mentir, antes de os recebermos, houve tanta ansiedade como receio em relação ao que nos poderia chegar a casa.



Nuno Gouveia

EBS Bispo D. Manuel Ferreira Cabral (Santana)

Palavra de ordem... Embutir!



PRÉMIO

+CRIATIVIDADE



Pois é... a criatividade continua a merecer destaque no teu Ponto e Vírgula.

Se o PV está nas bancas, temos prémio garantido!

Todos os meses é selecionado o trabalho mais criativo, uma escolha da responsabilidade de personalidades de diversas áreas, e o vencedor é premiado com uma experiência ligada às nossas tradições e artesanato.

Desta feita, foi a vez de João Rodrigues – atual Diretor Regional de Juventude – escolher, elegendo o texto de César Vieira, da Escola Básica e Secundária Dr. Ângelo Augusto da Silva (Levada).

‘Uma experiência para recordar’ é o título do trabalho do César, que nos fala da promoção da felicidade e do projeto Erasmus+ ‘The Pursuit of Happiness’ em que participou, e que o aluno caracteriza como uma experiência que mudou a sua maneira de ver as coisas: «Agora conheço melhor outros lugares e tenho uma ideia melhor do que é o mundo».

Para o jovem, esta procura da felicidade é, também, sinónimo de sair da zona de conforto: «por vezes, se estivermos "guardados" apenas num lugar, talvez não sejamos pessoas tão felizes». E ser "passageiro" destas viagens é «uma

oportunidade para evoluir, melhorar o nível do inglês e aperfeiçoar o modo de comunicar».

Sobre esta experiência com a arte tradicional de embutir, partilhada com o colega de turma Vítor Camacho, no Instituto do Vinho, do Bordado e do Artesanato da Madeira (IVBAM), o premiado confidenciou que «foi muito bom, é uma arte que eu desconhecía. Fomos desafiados a fazer uma flor de madeira e, quando vi o molde, pensei que era pintado com uma cor de feltro... Só depois percebi que eram madeiras sobrepostas umas às outras, o que resulta num trabalho incrível».

Já a artesã que orientou a atividade, Luz Ornelas – engenheira de formação – confessou que a «madeira é uma paixão» e adjetivou o seu trabalho com uma só palavra: «felicidade»! Curiosamente, a mesma que César utilizou no início do seu texto, aquele que lhe valeu este prémio.

Um especial agradecimento à equipa do IVBAM, que nos recebeu de forma tão atenciosa e amável.

E mais duas experiências se seguirão... Põe o teu talento à prova e participa, podes ser o próximo vencedor!